

“TEMOS UNS MIL
VOLUMES SOFRÍVEIS”:
NOTAS SOBRE A LIVRARIA DE
CAMILO CASTELO BRANCO

*"We have a thousand bearable volumes":
notes on Camilo Castelo Branco's library*

CRISTINA SOBRAL

csobral@edu.ulisboa.pt

Universidade de Lisboa, Centro de Linguística, Faculdade de Letras

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0097-3959>

DOI

https://doi.org/10.14195/0870-4112_3-10_1

Texto recebido em / Text submitted on: 11/01/2024

Texto aprovado em / Text approved on: 16/09/2024

Biblos. Número 10, 2024 • 3.^a Série

pp. 19-46

RESUMO

Camilo Castelo Branco reuniu, ao longo de mais de 30 anos de atividade literária, milhares de livros que comprou, guardou, vendeu e doou. A sua livraria particular foi uma entidade dinâmica que espelha não só os seus interesses literários, culturais e pessoais ao longo das décadas, como também as estratégias editoriais no Portugal da segunda metade do séc. XIX, o diálogo dos intelectuais portugueses com as culturas estrangeiras e a sua relação cultural e material com o livro, numa época em que este se afirma, junto das elites escolarizadas, como o principal objeto de mediação cultural. Este artigo lança um olhar introdutório e abrangente ao estudo da “livraria virtual” (Ferreira, 2005: 162) do escritor a partir dos catálogos de dois leilões (1870, 1883) dos seus livros.

Palavras-chave: Camilo Castelo Branco; livrarias de escritores; século XIX; livraria virtual; Romantismo.

ABSTRACT

Camilo Castelo Branco gathered, over more than 30 years of literary activity, thousands of books that he bought, kept, sold and donated. His private library was a dynamic entity that reflected not only his literary, cultural and personal interests over the decades, but also editorial strategies in Portugal in the second half of the nineteenth century, the dialogue of Portuguese intellectuals with foreign cultures and their cultural and material relationship with the book, at a time when it asserted itself, among educated elites, as the main object of cultural mediation. This article takes an introductory and comprehensive look at the study of the writer’s “virtual library” (Ferreira, 2005: 162) based on the catalogs of two auctions (1870, 1883) of his books.

Keywords: Camilo Castelo Branco; writers’ libraries; nineteenth century; virtual library; Romanticism.

Em maio de 1866, Camilo convidou para o visitarem na sua casa de S. Miguel de Seide os amigos Tomás Ribeiro, António Feliciano de Castilho e o filho Eugénio de Castilho. Para convencer os lisboetas a viajarem, escreveu:

Aqui há o aroma das boninas e carne assada à lareira; há vinho verde e água de rocha. Come-se quatro vezes ao dia, e acorda a gente com fome no dia seguinte. Temos uns mil volumes sofríveis, e um óptimo que é o céu, e outro excelentíssimo que é a terra, quando não chove; que então, se chove, a poesia dos campos é coisa aguada como as prosas do Biester, Deus me perdoe se peço¹.

Este é o argumentário de um recém-convertido à vida do campo (Camilo e Ana Plácida estavam em Seide havia pouco mais de dois anos) que alicia os citadinos com o que de melhor oferece a aldeia: bons e aromáticos ares, boa comida, bom vinho e água pura, que dão saúde às compleições enfatiadas dos ares urbanos. Neste ambiente idílico, a pureza do céu e da terra (quando não chove...) equipara-se aos prazeres da leitura, que se oferece como alimento. Para o autor, uma boa biblioteca não cumpre apenas a função de preencher os momentos de lazer e de ser instrumento para o trabalho da escrita. A livraria – esta concreta livraria de Camilo – é um argumento que pode ajudar a convencer os amigos escritores a subirem ao norte e que se oferece à leitura como uma atividade central no convívio social e no relacionamento intelectual entre escritores cujo contacto com o mundo dependia da palavra impressa. A centralidade cultural do livro define-se pela relação cultural e material que com ele mantinham nesta época as elites escolarizadas e pela sua preponderância como objeto de mediação cultural. O conhecimento das livrarias particulares de escritores adquire assim elevado interesse para o estudo não apenas das respectivas obras, mas também dos ambientes culturais em que elas se formaram².

¹ Carta a António Feliciano de Castilho, de 25 de maio de 1866 (Cabral, 1984-88, III: 74).

² “Nunca será demais sublinhar o valor das bibliotecas dos nossos grandes escritores como ferramenta incontornável para o conhecimento da respectiva época, dos gostos e preferências deles,

Quando se refere ao seu acervo como um milhar de volumes sofríveis, Camilo está a ser propositadamente modesto. Havia mais do que mil volumes e muitos deles seriam bem mais do que sofríveis. A reconstituição da sua “livraria virtual”³ é tarefa que enfrenta diversas dificuldades, relacionadas com a dispersão que sofreu, com problemas concretos de utilização de fontes e com a instabilidade do acervo, cuja formação foi afetada pelas circunstâncias pessoais e económicas do escritor, como as episódicas dificuldades financeiras ou simplesmente a necessidade de ter uma outra fonte de rendimentos,

das influências sofridas. Em suma, para a compreensão em plenitude das obras que nos legaram” (Albuquerque, 2009: 15). O estudo de livrarias de escritores, sobretudo de escritores do séc. XIX, é praticamente inexistente. Contamos apenas com algumas notas em textos introdutórios à publicação de catálogos: assim as introduções de Martim de Albuquerque ao catálogo da livraria de Oliveira Martins (Albuquerque, 2009), de Gustavo de Fraga ao catálogo da livraria de Antero de Quental (Fraga, 1991) e de Anselmo Braamcamp Freire ao catálogo da livraria do Conde de Azevedo (Freire, 1921: 4 p. não numeradas). Mais estudadas têm sido as livrarias de escritores do séc. XX, com destaque para a livraria de Fernando Pessoa (v. bibliografia em Pizarro e Ferrari, 2010). Têm sido estudadas também as livrarias de Jorge de Sena, Teixeira de Pascoaes, Camilo Pessanha, Eduardo Lourenço e Vergílio Ferreira. As questões teóricas que pode colocar este tipo de estudo e a sua devida contextualização no âmbito da história do livro e da leitura exigem uma abordagem que não tem o espaço necessário neste artigo. O estudo da livraria de Camilo Castelo Branco é um trabalho em curso, que compreenderá o tratamento de questões teóricas e metodológicas, disponibilização de dados e análise detalhada das várias dimensões da relação de Camilo com a sua livraria, com destaque para o seu uso na escrita de trabalhos originais. Este artigo pretende ser uma primeira abordagem deste estudo, as suas primeiras notas. Os dados estatísticos são exaustivos mas deles destaco e descrevo apenas alguns que se revelam mais significativos para a compreensão do universo mental de Camilo e para a relação entre as suas leituras, a sua obra e as circunstâncias pessoais em que ela foi produzida. Não é minha intenção – nem tal seria possível – esgotar aqui essa análise e sim, apenas, apontar caminhos futuros.

³ A. Mega Ferreira designa a “livraria virtual” de Pessoa como “conjecturalmente composta de todos os livros que comprou durante a vida, incluindo os que já lá não estavam à data da sua morte” (Ferreira, 2005: 162). Sobre este conceito, v. ainda Pizarro e Ferrari (2010: 15). Já em 2009 Martim de Albuquerque, lamentando a dispersão das livrarias de escritores como Eça e Camilo, lembrava, a respeito deste último, que “há ainda uma reconstituição possível a fazer. Os dois catálogos de leilão dos seus livros conjugados com os restos bibliográficos existentes na casa de Seide e outros dados dispersos conhecidos viabilizam um trabalho de reconstituição que se nos afigura indispensável no quadro dos estudos camilianos e para o progresso destes” e desejava: “Oxalá alguém lance mãos à obra” (Albuquerque, 2009: 15). Remeto para trabalho próximo a discussão dos critérios e métodos necessários a esta reconstituição.

além da escrita. Veja-se, sobre a atividade de Camilo como intermediário na compra e venda de livros antigos, o que escreve A. Cabral (1984-8: II, 18-22) e a edição da correspondência do escritor com o visconde de Azevedo (Azevedo, 1927), com o qual trocou ofertas esporádicas de livros. Além do agenciamento comercial, Camilo recorreu por vezes à venda dos seus livros como forma de obter rapidamente dinheiro (Cabral, 1984-88: I, 48, 50; III, 55; Castelo Branco, 2002: vol. 18, 687).

Os livros acompanhavam Camilo nas suas várias deslocações, como na estadia que fez em Viana do Castelo, em 1857. Antes da partida, escreveu ao amigo José Barbosa e Silva:

Tenho pronta a carregação dos livros; mas não há hiate por enquanto. Se o não houver antes da minha partida, deixo-os entregues ao sujeito que me indicaste; porém, eu não queria estar muito tempo separado deles, porque, suposto que leio pouco, são a minha família.

(Cabral, 1984-88: I, 153)

Até 1863, as frequentes deslocações do romancista seriam menos favoráveis à formação de uma extensa livraria. Porém, quando assenta na Quinta de São Miguel de Seide a principal residência, é natural que a acumulação de livros tivesse menos restrições de espaço e de mobilidade. Em 25 de novembro de 1869, numa carta ao visconde de Azevedo, somos surpreendidos pela afirmação de que possuía 4000 volumes em Lisboa, que vieram juntar-se aos “mil volumes sofríveis” que já tinha em Seide:

Ha 8 dias que me vejo a braços com a estafa de ordenar 4000 volumes que tinha em Lx e transferi para esta aldeia, que fica sendo um foco de sciencia, um altar sem sacerdote.

(Azevedo, 1927: 32)

Ainda assim, não é óbvio que todos os livros se tenham concentrado em Seide. Neste mesmo ano de 1869 terá Camilo começado a preparar o primeiro leilão de livros seus de que temos notícia, para o qual fez imprimir

catálogo com a data de 1870 mas que só veio a realizar-se em janeiro de 1871, no Porto, em casa de D. Eufrásia, onde Camilo residia quando se encontrava na capital do norte. O catálogo regista 1058 lotes de livros impressos e 17 manuscritos⁴. Há 14 lotes que contêm mais do que uma peça, o que vem a totalizar 1080 títulos impressos. Onde estavam estes livros? Foram trazidos de Seide especialmente para o leilão ou eram livros que estavam nesta segunda residência e que ele não queria transportar para Seide, a juntar aos 4000 trazidos de Lisboa? Impossível saber. Sabemos, sim, que no Porto estavam outros livros ainda, além dos registados no catálogo. O leilão realizou-se em 8 de janeiro de 1871 mas, aparentemente, prolongou-se pelos dias seguintes, por não terem sido vendidos todos os lotes e porque o dono foi juntando outros que não estavam no catálogo. Isso mesmo dizem anúncios que foram sendo publicados no jornal *Primeiro de Janeiro*:

No dia 15 de Janeiro: “Livros de Historia – É a secção de livros que ha de ser leiloada amanhã, segunda-feira, e dias seguintes, ás 4 da tarde, Rua de Santo Ildefonso, 66. Ha livros portugueses não incluídos no cathalogo”.
No dia 25 de Janeiro: “Novos livros – Leilão – Rua de Santo Ildefonso, 66, ás 4 horas da tarde. Podem examinar-se. Não há cathalogs”.

Entre estes dias saíram repetidos anúncios do prolongamento do leilão (v. Azevedo, 1927: 35). Porque quis Camilo desfazer-se de tantos livros? Não se tratou decerto de um aperto financeiro, como se vê na carta de 23 de dezembro de 1869, que, quando preparava o leilão, escreveu ao visconde de Azevedo:

Com referencia á Chronica manuscripta, convenio com V Ex^a que não vale ella as 4 libras, nem mesmo valerá duas; eu, porém, quando há dez annos comecei a comprar os livros carissimos d’aquelle tempo, tive o desatino de

⁴ A numeração dos lotes atinge 1003, embora sejam na verdade 1002, devido a um salto na numeração.

dar 4 libras pelo tal manuscrito; e hoje, que este genero está barateado, certo escolhi má occasião p^a me desfazer de parte da m^a pequena bibliotheca. Ainda assim, como não vendo em extremos de necessid^e, tenho sustentado o preço dos livros, resolvido a não os alienar com grande p^erda.
(Azevedo, 1927: 35-36)

O objetivo financeiro esteve presente, mas visto numa perspetiva de boa gestão. A antiguidade do acervo a leiloar pode revelar o objetivo comercial do evento: 82,67% dos títulos (893) são anteriores ao séc. XIX, com destaque para os 50,09% de livros (541) do séc. XVIII. Além de 3,42% (37) de livros não datados, os livros do séc. XIX correspondem apenas a 13,88% (150) e, destes, a maior parte são da primeira metade do século: 10,27% (111) do total da livraria, contra 3,61% da segunda metade do século (39).

					%	%
Catálogo de 1870	Séc. XVI	113			10,46	82,69
	Séc. XVII	239			22,13	
	Séc. XVIII	541			50,09	
	Séc. XIX	1801-1850	111	150	13,89	10,28
		1851-1870	39			3,61
	Não datados	37			3,43	

Deve isto significar que, em 1871, Camilo desfez-se dos seus livros mais valiosos, os mais antigos e que certamente não esperava que viessem a fazer-lhe falta para a atividade diária. De acordo com a classificação ideográfica que fez dos livros, e considerando apenas os impressos, História é o género mais abundante, com a oferta de 225 livros, o que corrobora a abundância e consequente possível desvalorização destes livros mas também aponta para o interesse de Camilo pelo género. Outra observação interessante é a da distribuição dos livros pelas línguas em que estão escritos:

		%
Francês	382	35,05
Latim	250	22,94
Português	197	18,07
Espanhol	92	8,44
Italiano	73	6,70
Grego/latim	53	4,86
Bilíngues (latim, grego, inglês, línguas asiáticas)	42	3,85
Inglês	1	0,09

Há que ter bem presente que estes números não representam proporções da livraria. Trata-se da venda de apenas uma parte, selecionada, que não permite deduzir que, em 1870, Camilo tinha mais livros em francês do que em português, que o latim era a sua segunda língua de leitura depois do francês ou que praticamente não lia inglês. Apenas se conclui que, nesta data, Camilo se desfez de uma larga quantidade de livros em francês e em latim, línguas que tiveram, até aí, peso significativo na sua formação⁵. Se procuramos representatividade, o leilão de 1883 está em melhores condições de oferecê-la. Nesta altura Camilo decide vender toda a sua livraria. Reunia à data um acervo impressionante, que ele mesmo caracteriza:

Eu, meu filho, já não leio nada em francês. Ganhei tédio aos meus mestres da mocidade. Leio alternadamente poetas ingleses humorísticos e prosadores portugueses soporíferos. [...] Tenho 4000 volumes, e às vezes penso meia hora se acharei um livro que me distraia de mim mesmo.

(Carta ao visconde de Ouguela, [1879], *Camilo Íntimo*, 2012: 283)

⁵ Não é novidade: veja-se, por exemplo, a carta de 31/3/1869, ao visconde de Azevedo: “Como quanto eu esteja tão longe dos eruditos como da lua, tenho bons e bastantes livros latinos, com os quaes me vou ensaboando das mascarras dos francezes, e até dos portuguezes que por aqui se amanhã em bordalenga michonofada, como diria o nosso velho Filinto” (Azevedo, 1927: 10).

À dimensão juntava-se decerto a variedade. Camilo qualifica a sua livraria como a mais completa que era possível obter em Portugal: “O que eu não encontrar na minha pequena livraria, ninguém mo depara” (carta ao visconde de Ouguela, [maio de 1882], *Camilo Íntimo*, 2012: 315). O desabafo diz muito do universo cultural português em oitocentos, bem como do valor que a livraria tinha para Camilo como único meio de acesso a formação, lazer e informação.

Apesar disto, a decisão de se desfazer de todos os livros aparece-lhe como necessária numa altura da vida em que vê degradar-se-lhe definitivamente a saúde, o que o impede de trabalhar e lhe dá grandes preocupações acerca da sobrevivência de Jorge, o filho louco⁶:

Vendi a minha livraria p.^a pagar umas dividas, e não lezar o peculio ao Jorge. Receei q̃ p.^r m.^a morte, o Nuno vendesse a livraria a pêzo. Ás vezes, tenho saudades d’ella; mas invoco a reflexão, e applaudo-me por tê-la vendido. (Carta 44 a Tomás Ribeiro, 10/10/1884, *Cartas...*, 1922: 56)

Além da loucura de Jorge, Camilo conhecia bem a insensatez e – digamos – a falta de escrúpulos de Nuno. Fica patente nesta carta a Tomás Ribeiro que a solução encontrada para a livraria foi a venda total. Ainda assim, temos razões para crer que alguns livros poderão ter escapado ao leilão. Sabemos, por exemplo, que Camilo possuía, desde 1846, um exemplar do Dicionário de Moraes⁷, que não vemos no catálogo do leilão. Sabemos também que, depois de 1883, a livraria voltou a preencher-se. Os 568 títulos que a Comissão constituinte do Museu comprou à família (Menezes, 1921: 217-263) são disso prova evidente. Muitos

⁶ Sobre a situação de Jorge, veja-se, por exemplo, a carta a Tomás Ribeiro, de 24 março de 1884 (carta 35, *Cartas...*, 1922: 48).

⁷ “Conheci-o [o poeta Donnas Boto] em Coimbra em 1846 quando a minha batina esfrangalhada abria as suas trinta boccas para admirar e engulir o latim d’um padre que não sei se era Simões. Devia ser. Coimbra é a terra dos Simões. [...] Mal diria eu que homem era aquelle por dentro, quando o vi por fóra, com os seus oculos de oiro, no livreiro Posselius! Eu comprára o Diccionario de Moraes; e elle, com uma gravidade protectora e paternal, disse-me: ‘Fez bem, seu caloiro. Manuseie o bom Moraes com mão diurna e nocturna. Gaste assim as suas economias, não as malbarate em fôfas novellas gafadas de gallicismos...’” (Castelo Branco, 1887: 22).

deles foram ofertas dos autores ou dos editores mas outros são necessariamente compras, algumas para readquirir títulos de que se tinha desfeito em 1883⁸.

O catálogo de 1883, ao contrário do de 1870, não foi escrito por Camilo e, por isso, não apresenta os cuidados que ele pôs na descrição do acervo, estruturando-o segundo as línguas e segundo os temas, e anotando cada espécie com comentários bibliográficos pertinentes. O catálogo do derradeiro leilão foi redigido pelo editor Matos Moreira ou por alguém a seu pedido e não apresenta nenhum tipo de estrutura. Regista 1935 lotes, dos quais 1868 impressos⁹, os únicos de que aqui tratarei. Há lotes que contêm apenas uma obra (um título) com apenas um volume e lotes que contêm várias obras, com uma extensão muito variável, desde o simples opúsculo a um número elevado de volumes. Existem também diferentes exemplares da mesma obra.

Se, no início, o catálogo é relativamente detalhado, registando título, autor, tradutor quando pertinente, local de edição e data, nos últimos registos é notório que o cansaço se tinha apoderado do redator, que se vai tornando mais lacónico, deixando muitas vezes de registar todos os elementos bibliográficos necessários à identificação da espécie e até mesmo não registando nenhum elemento bibliográfico ou subsumindo vários títulos sob uma mesma designação ou um mesmo nome de autor, como por exemplo nos lotes 1824 (“Um masso com 20 opusculos”), 1828 (“[Um masso com] 6 obras de George Sand”) e 1819 (“5 vol. de Vermorel, Audebrand, Desgranges, Sthal.”). A análise que em seguida apresento não pôde ultrapassar estas lacunas e contou como um só título lotes como os 1824 e 1828, e como quatro títulos lotes como o 1819. Considerando estes constrangimentos, que afetam apenas alguns lotes no final do catálogo, temos, para 1868 lotes de livros impressos, 2167 títulos (obras), correspondentes a 3604 volumes. Apenas 71 títulos não puderam ser identificados. Estamos, portanto, perante uma livraria que, de

⁸ A análise deste acervo merece uma análise detalhada, que aqui não me ocupará.

⁹ A numeração dos lotes alcança o número 1922, chegando a dos impressos a 1855, no entanto, existem 13 números repetidos, a que foi acrescentada a letra *a*: são os lotes 87a, 252a, 356a, 498a, 606a, 704a, 910a, 1111a, 1404a, 1473a, 1646a, 1787a e 1029a.

facto, não andaria longe dos 4000 volumes que Camilo contava na carta de 1879 ao visconde de Ouguela.

O valor de uma livraria pode ser determinado em função de três tipos de fatores: o imaterial, isto é, o interesse ou a utilidade dos textos transmitidos; o material; e o comercial. O redator do catálogo foi sensível a estes dois últimos. Quanto ao material, registou a presença de ilustrações, assim distribuídas:

Ilustração	Retratos	114
	Estampas	55
	Gravuras	22
	Ilustrações	18
	Vinhetas	7
	Mapas	3
	Total de livros ilustrados	219

Registou ainda o facto de 428 livros serem brochados e fez pontuais anotações sobre a sua qualidade estética: “formosa edição” (184, 685), “Optimo ex.” (454), “A melhor edição” (459), “Bellissimo exemplar” (512), “Bellissima edição” (636), “Exemplar nitidissimo” (606a), “Magnifico exemplar... formoso frontispicio” (819), “Bello exemplar” (1100), “Edição luxuosa, com todas as paginas adornadas” (1197).

O fator comercial é determinado pela antiguidade do livro e pela maior ou menor raridade de cada edição, raridade que o catálogo explicita da seguinte forma:

Raridade	Pouco vulgar	2
	Não vulgar	22
	Raro	189
	Muito raro	19
	Raríssimo	12
	Extremamente raro	4
	Total de livros com algum grau de raridade	248

Fica implícita a raridade quando o redator se limita a anotar a curta dimensão da tiragem – “Tiragem 100 ex. numerados” (49), “Tiragem 150 ex. numerados” (126), “Tiragem 200 exemplares” (147), “Tiragem 40 ex. numerados” (529), “Tiragem 104 exemplares” (533), “Tiragem 100 ex. numerados” (364), “Tiré a 250 ex. numérotés” (674), “Ediç. de 100 ex. numerados” (748), “Tiragem 25 ex.” (860), “Talvez algumas destas peças sejam exemplares unicos” (921), “Exemplar unico n’este papel” (1181), “tiragem especial de 200 ex.” (1357), “Tiré 530 exemplaires” (1689) – ou quando anota, numa edição recente (1872), que se trata de uma “Edição esgotada” (371, 641). Sobe assim para 263 o número de livros com algum grau de raridade.

Quanto à antiguidade, é a seguinte a distribuição dos títulos:

				%		
Catálogo de 1883	Séc. XVI ¹⁰	40		1,84	24,51	
	Séc. XVII	152		7,00		
	Séc. XVIII	340		15,67		
	Séc. XIX	1801-1850	419	1550	19,31	71,43
		1851-1880	852		39,26	
		1881-1882	124		5,71	
		1883	32		1,48	
		Séc. xix ¹¹	123		5,67	
Data incerta ¹²	88		4,06			
Total		2170 ¹³		100		

¹⁰ O livro mais antigo é de 1537.

¹¹ Alguns livros não datados podem ser atribuídos genericamente ao séc. XIX, com fundamento na cronologia do autor, embora não possa precisar-se a data da edição que Camilo possuía.

¹² Os títulos que não puderam ser identificados, devido a escassez de elementos de identificação, são de data incerta. A estes juntam-se alguns outros que, embora identificáveis, sendo de autores anteriores ao séc. XIX, não podemos saber se a edição que Camilo tinha era ou não uma edição moderna. Esta é a hipótese mais provável, já que, se o livro fosse antigo, e sendo a antiguidade um argumento comercial, o redator não teria deixado de registar a data. Não podemos, contudo, ter a certeza absoluta.

¹³ O número de datas é superior ao número de títulos porque alguns títulos correspondem a obras em vários volumes publicados em anos diferentes.

A proporção de livros antigos é agora a oposta do leilão de 1871, o que confirma que, desta vez, não se trata de vender os livros mais valiosos. Revela, além disso, o que Camilo não vendeu em 1871 e que constituiu a sua livraria de trabalho e de estudo nos anos de 1871 a 1883. Não será de estranhar que agora predominem os livros da segunda metade do séc. XIX: são 1008 livros, correspondentes a quase metade da livraria (46,45%). Isto deve-se, naturalmente, ao facto de se ter desfeito dos livros mais antigos doze anos antes mas também à atenção de Camilo às novidades bibliográficas e portanto à sua permanente atualização. Ao contrário dos livros com datas mais antigas, que não sabemos quando foram comprados, os livros datados dos três últimos anos (1881-1883) só podem ter sido comprados nesse curto período de tempo. No ano do leilão e nos dois anos anteriores, apesar da degradação da saúde, da cada vez maior dificuldade em ler e do esboçar da solução final para os seus livros, Camilo não deixava de comprar: 5,71% da livraria foi adquirido em 1881-1882 e 1,47% no próprio ano do leilão. Isto significa que nestes três anos Camilo comprou uma média de 52 livros por ano, número impressionante, mesmo para a época atual. Há que descontar deste número o título *A Suicida*, da autoria do próprio Camilo, publicada em 1880 e que não foi comprado. Há que ter em conta ainda que alguns destes livros serão ofertas dos autores, amigos ou apenas conhecidos, desejosos de uma crítica na imprensa ou simplesmente movidos pela amizade. Esta suposição não explica, mesmo assim, o elevado número de aquisições e de qualquer modo não poderá negar-se que a atribuição a Camilo desta espécie de função de “depósito legal” diz muito do seu prestígio e da rede de relações culturais em que se movia.

Agora que temos um catálogo representativo da livraria no estado em que ela se encontrava em 1883, podemos analisar a relação de Camilo com as línguas estrangeiras. A distribuição dos títulos pelas várias línguas em que estão escritos os livros mostra os seguintes números:

			%
Línguas dos títulos	Português	1387	64,01
	Francês	481	22,20
	Inglês	146	6,74
	Espanhol	68	3,14
	Latim	44	2,03
	Italiano	17	0,78
	Multilíngue (dicionários, gramáticas)	18	0,83
	Língua incerta	4	0,18
	Alemão	2	0,09
	Total	2167	100

Ao contrário do que sucedeu com o acervo de 1871, agora temos a língua portuguesa com a representação que se espera na livraria de um escritor português. O francês continua, sem surpresa, a ser a primeira língua estrangeira, mas as outras línguas latinas (espanhol e italiano) perdem importância, passando a representar apenas 3,13% e 0,78% da livraria (em 1871, 8,51% e 6,01%, respetivamente). O desinteresse pelo inglês que poderíamos ter deduzido do catálogo anterior revela-se enganador, visto como esta língua ocupa o terceiro lugar na tabela. A fraca presença de livros em inglês no catálogo de 1871 pode explicar-se precisamente com o interesse de Camilo: dos 146 títulos no catálogo de 1883, apenas 5 são posteriores a 1870, o que significa que os mais antigos poderiam já estar na posse do autor por altura do primeiro leilão. Sendo, destes, 18 do séc. XVIII, dois do séc. XVII e um do séc. XVI, poderiam, pela sua antiguidade, ter sido vendidos com proveito, o que não aconteceu. O interesse de Camilo pelos autores ingleses vem desde muito cedo, não só pela sua admiração por Byron mas sobretudo por Shakespeare¹⁴.

¹⁴ A relação de Camilo com a língua inglesa, como leitor e como tradutor, em confronto com a análise dos dois catálogos, é questão para trabalho futuro, que aqui não posso desenvolver.

A comparação dos dois catálogos permite confirmar que, em 1871, Camilo fez, de facto, uma deriva da sua formação clássica “pura e dura”. Depois de então ter vendido 303 livros de latim e grego, nunca refez a quota clássica da sua livraria, ficando-se, em 1883, por apenas 44 livros em latim e nenhum em grego. Em contrapartida surgem dois livros em alemão, língua ausente do catálogo de 1870. Desta vez, porém, a ausência não significa interesse. Os dois livros vendidos no segundo leilão são: “Luiz de Camoens. Portugals gröker Dichter, gest 1579. Von Dr. Robert Avé-Lallemant. Leipsig. 1879, 8º, br.” (755)¹⁵; “Dusseldorfer Künstler-Album mit artistischen Beitragen... redifirt von Dr. Wolfgang Muller, 1851, 4º. *Bellas estampas*” (900)¹⁶. Compreende-se o interesse de Camilo pelo primeiro, que atesta a boa receção do maior poeta português no reino germânico; e também pelo segundo, com belas estampas, sempre muito valorizadas numa sociedade ainda não saturada pela imagem, como é a nossa atual, e onde ela tinha invariavelmente valor artístico e supria a função documental que a fotografia ainda só escassamente cumpria.

Podemos, portanto, concluir com segurança que Camilo lia correntemente francês, compreendia sem nenhuma dificuldade as línguas latinas (espanhol e italiano), lia inglês, não lia alemão e desinvestiu da sua cultura clássica a partir da década de 70. Isto não significa porém que a abandonou ou que não conheceu os autores alemães. Há pelo menos 142 livros que são traduções, assim distribuídos segundo a língua de tradução:

¹⁵ Robert Avé-Lallemant, *Luiz de Camoens Portugals Grölter Dichter gest. 1579. Eine Festschrift zur Gedächtnisfeier der 300 sten Wiederkehr seines Todesjahres*, Leipzig, Herman Foltz, 1879 (*O maior poeta de Portugal morreu em 1579. Uma comemoração do 300º aniversário da sua morte...*).

¹⁶ *Düsseldorfer Künstler-Album mit artistischen Beiträgen von A. Achenbach, W. Camphausen, Carl Clasen, L-Des-Condres, J.Fay.....unter literarischer Mitwirkung von Karl Simrock, Alex. Kaufmann, O.F.Group, W. Lübke, Oskar v. Redwitz.....redigiert von Wolfgang Müller*, 1. Jahrgang, Düsseldorf, Druck und Verlag des lithographischen Instituts von Arnz & Comp., 1851 (*Album artístico de Düsseldorf com contribuições artísticas de A. Achenbach, W. Camphausen, Carl Clasen, L-Des-Condres, J.Fay... com contribuições literárias de Karl Simrock, Alex. Kaufmann, O.F.Group, W. Lübke, Oskar v. Redwitz.....editado por Wolfgang Müller...*).

Línguas de chegada	Obras traduzidas	Línguas traduzidas
Português	78	inglês, francês, latim, alemão
Francês	53	inglês, alemão, alto alemão médio, latim, italiano, grego, português
Inglês	6	grego, húngaro, francês, latim
Espanhol	4	latim, francês
Alemão	1	português

Haveria talvez mais traduções do que aquelas que o catálogo permite conhecer: os lotes onde apenas são enumerados os autores, sem mais nenhuma informação, como os 1819 e 1828 acima citados, não nos dizem qual a língua em que estão escritos. A tradução de obra portuguesa para alemão é o já referido volume comemorativo do tricentenário de Camões. É notória a permanência de autores latinos e gregos, mas traduzidos para francês, inglês e espanhol, e a presença de obras alemãs, lidas em tradução portuguesa e francesa, incluindo uma tradução francesa da saga dos Nibelungos, originalmente em alto alemão médio (775). Não faltavam as obras de Goethe (636, 772, 773), as poesias e teatro de Schiller (840, 1655), obras de Klopstock (1011), de Henri Heine (112-1125) e de Hoffmann (1344, 1345). Até a poesia dos magiães despertou a curiosidade de Camilo, que tinha uma antologia da literatura húngara em inglês: “Poetry of the Magyars, preceded by a sketch of the language and literature of Hungary and Transylvania. By John Bowring. London, 1830” (964).

Se quisermos perspetivar a livreria face ao cânone da literatura europeia, podemos encontrar os principais autores. Do inglês, estão presentes, na língua original ou em traduções francesas, entre outros de menor importância, Byron (845, 856-861, 1403), Milton (1281, 1776), Swift (1569), Walter Scott (671, 1322, 1536-1539, 1820), Shakespeare (886-891, 893-894), Dickens (1768) e antologias de poesia norte-americana e de poesia inglesa (670, 899, 1032, 732, 1171). Da literatura italiana, na língua original, estão Petrarca (800), Dante (837), Boiardo (839), Botero (1012) e Manzoni (1366), e, traduzidos, Torquato Tasso (731), Dante (836), Boccaccio (1105, 1324) e Edmondo de Amicis (1463, 1494). Da literatura espanhola e na língua original, estão São João da Cruz (650), Gôngora (691), o marquês de Santillana (884) e Cervantes (1738).

Sentem-se poucas faltas: por exemplo os dramaturgos espanhóis Lope de Vega e Calderón de la Barca e o romântico italiano Giacomo Leopardi. Já dos franceses, a influência mais marcante no Portugal oitocentista, é difícil encontrar faltas. Estão todos os autores canónicos, na língua original: Rabelais (1412), Montaigne (1410, 1411), Molière (875-876), Racine (1328, 1512, 1164, 1328), Boileau (1329), Rousseau (1407, 1408), Voltaire (949, 1169), Mirabeau (1409), Bernardin de Saint-Pierre (1325), Stendhal (1527), Sénancourt (1677, 1678), Balzac (710,711), Musset (843), Baudelaire (851), Michelet (1615), Georges Sand (1473a, 1828), Flaubert (1476-1478), Victor Hugo (1102, 1103), Zola (1531-1534). Mas há muitos mais, em francês e em tradução. Vejamos o quadro comparativo da presença de Literaturas estrangeiras, nas línguas originais e em tradução:

Literaturas de línguas estrangeiras				
	Na língua original	Em tradução	Línguas de chegada	
Literatura Francesa	152	20	Português	19
			Inglês	1
Literatura Inglesa	45	27	Português	14
			Francês	13
Literatura Espanhola	24	1	Português	
Literatura Latina	5	26	Português	10
			Francês	13
			Inglês	1
			Espanhol	1
Literatura grega	0	8	Francês	6
			Inglês	2
Literatura Italiana	5	9	Português	7
			Francês	2
Literatura alemã	0	15	Português	2
			Francês	13

Literatura norte-americana	3	2	Português	1
			Francês	1
Literatura húngara	0	1	Francês	
Literatura oriental	0	1	Inglês	
Totais parciais	234	110		
Total	344			

É evidente a presença hegemónica da Literatura francesa, lida maioritariamente na língua original, e também a função do francês como língua mediadora para acesso a outras literaturas, devido a dois fatores interdependentes: a França oferecia a primeira língua estrangeira que se aprendia em Portugal e também o mercado mais pujante de tradução de outras literaturas, tornando as traduções francesas mais disponíveis que outras.

A presença de Literatura em português merece, por si só, um estudo independente. Anotarei apenas alguns números e algumas observações. Começemos pelos números:

Literaturas de língua portuguesa	
Literatura Portuguesa	337
Literatura brasileira	48
Literatura oral e tradicional	8
Total	393

Um estudo exaustivo sobre a publicação das Literaturas Portuguesa e Brasileira oitocentistas encontrará neste catálogo uma fonte interessante, já que aqui encontramos não só os autores maiores como um número muito extenso de autores hoje praticamente desconhecidos, que reforçam a ideia acima apontada de a livraria camiliana ter funcionado como uma espécie de “depósito legal”, alimentado não só pelo interesse do seu detentor em manter-se a par de tudo o que acontecia na cena literária, mas também pelo interesse dos autores em obsequiar o romancista ou dos seus editores em obter dele pareceres favoráveis.

Camilo gostava de saber o que diziam de nós as outras nações, principalmente a das Luzes. Isso mesmo se vê pela presença de obras da Literatura Portuguesa traduzidas para francês: lá estão uma tradução dos episódios da morte de Inês de Castro e do Adamastor d’*Os Lusíadas* (*La Mort d’Inès de Castro et Adamastor, morceaux tirés et traduits de la Luziade de Camoens... traduction de Sulpice Gaubier de Barrault, Lisbonne, Imprimerie Royale, 1772; 746*)¹⁷, outra, também francesa, do poema *Camões*, de Garrett (traduzido por Henri Faura, Paris, 1880; 742), e ainda uma tradução de odes de Filinto Elísio (*Poésie lyrique portugaise ou choix des odes de Francisco Manoel, traduites en français, avec le texte en regard, précédée d’une Notice sur l’Auteur, et d’une Introduction sur la Littérature portugaise...*, par A. M. Sané, Paris, Chez Cérioux jeune, 1808; 847), em cuja “Notice sur l’Auteur” se pode ler a descrição de um Portugal setecentista inculto, ignorante, bárbaro, enredado ainda na filosofia e na teologia escolásticas, um país incapaz de compreender o talento raro de Francisco Manuel do Nascimento.

Aos 741 livros de literatura ativa, há que juntar ainda 105 livros de crítica ou história literária, distribuídos pelas Literaturas Portuguesa (61), Francesa (21), Inglesa (8), Latina (5), Brasileira (6), Italiana (2), Norteamericana (1) e Indiana (1).

Mas não só de Literatura se compunham as estantes de Seide. A falta de uma estrutura ideográfica neste catálogo implicou um demorado trabalho de identificação das espécies, essencial para uma classificação adequada¹⁸. Ninguém suspeitaria, por exemplo, que os três exemplares que Camilo possuía de uma obra recensada apenas como “A Musicographia, por A. de Carvalhaes” (980, 982, 1436) não é um tratado de ciências musicais e sim

¹⁷ Sobre esta tradução, no contexto da receção d’*Os Lusíadas* em França, no séc. XIX, veja-se Sousa, 1998: 69.

¹⁸ A classificação poderá ser apurada, à medida que for possível identificar com maior rigor as espécies. Mesmo quando temos a referência bibliográfica completa não é sempre fácil deduzir do título uma categoria evidente. Recorri a muitas edições digitalizadas para avaliar o conteúdo das obras mas não foi possível, por agora, encontrar edições disponíveis em todos os casos. Creio, mesmo assim, que pontuais adequações pouco impacto terão nos resultados globais.

uma obra literária de Alfredo Carvalhais (1851-1890), *A musicographia: parodia à judia, do sr. Thomaz Ribeiro, segundo os processos do bom senso* (Porto, Imprensa Portuguesa, 1880). A classificação das espécies revela os seguintes resultados globais:

História de Portugal			Total
Civil	História de Portugal	218	307
	Crónicas portuguesas	10	
	História dos Descobrimentos	2	
	História regional	22	
	História da nobreza e genealogia	16	
	Biografias	31	
	Heráldica	4	
	Numismática	4	
Eclesiástica	História eclesiástica	35	49
	Crónicas	14	
total			356
História geral, de outros países e regiões e outras histórias			
História geral, civil, eclesiástica e biografias			49
História da Antiguidade			21
História do Brasil, incluindo biografias			31
História da França, civil, eclesiástica e biografias			44
História da Inglaterra, civil, eclesiástica e biografias			16
História da Espanha, civil, eclesiástica, da nobreza, crónicas e genealogia			39
História de Itália			6
História dos Estados Unidos			2
História da África portuguesa			8
História do Extremo Oriente			2
História do Médio Oriente			2
História do Norte de África			1
História da América do Sul			2

História da Península Ibérica	1
Arqueologia	10
Hagiografia	24
História da Índia	18
História da Grécia	1
História da Rússia	1
História da Ciência	2
História da Arte	7
História da Medicina	1
Total	288

Fica evidente o interesse de Camilo pela História, de Portugal em particular, mas também de outros países e regiões, com destaque para França, Espanha e Brasil, os países mais próximos por evidentes razões. O seu interesse pelo género histórico biográfico fica patente na quota de 8,22% (53) de biografias que se acha entre os seus 644 livros de História.

A classificação das espécies mostra quais eram os outros temas, além de Literatura e de História, que ocupavam os tempos de leitura em Seide¹⁹:

		%
Literatura	846	39,04
História	644	29,71
Ciências Sociais	333	15,35

¹⁹ Os editores da *Biblioteca Particular de Fernando Pessoa* (Casa Fernando Pessoa: https://bibliotecaparticular.casafernandopessoa.pt/index/classe/0_P2.htm) recorrem, ainda que nem sempre rigorosamente, ao sistema de Classificação Decimal Universal (CDU) (v. Pizarro e Ferrari, 2010: 17). O sistema não se adequa bem à descrição da livreria de Camilo. Por exemplo, as miscelâneas e os periódicos contêm normalmente textos de diferentes temas; o englobamento numa só classe de Literatura, Linguística e Filologia (classe 8 do sistema de CDU) ou de História e Geografia (classe 9), que reúnem, no seu conjunto, a maioria das espécies bibliográficas de Camilo, obrigaria a uma subdivisão desnecessária e a uma menor clareza na perceção global da livreria, cujos temas dou a ver, na tabela seguinte, por ordem decrescente de existências.

Ciências abstratas	146	6,73
Ciências exatas	51	2,35
Artes	46	2,12
Linguística	45	2,07
Periódicos	27	1,24
Miscelâneas	5	0,23
Obras de CCB	4	0,18
Tema incerto	21	0,96
Total	2168	100

O terceiro tema mais representado na livraria de Seide são as ciências sociais. Nesta categoria reuni um conjunto de títulos onde se destacam com muita evidência os livros de descrição geográfico-antropológica e os livros de viagens:

Ciências sociais	
Descrição geográfico-antropológica, livros de viagens	142
Cultura	79
Bibliografia	21
Política	25
Direito	18
Obras de tipo enciclopédico	10
Pedagogia	10
Didática	7
Antropologia	6
Administração	5
Economia	5
Política da educação	4
Ciências documentais	1
Total	333

Há livros com descrições da África subsaariana (Moçambique, Angola, Guiné, Cabo Verde, África do Sul, Angola), de várias regiões do Brasil, da

Índia, do norte de África (Marrocos e Algéria), da Terra Santa, da América Latina (Argentina, Lima), e da Europa ocidental: os Pirinéus, os Alpes, França, Inglaterra, Espanha, Itália, Áustria, Baviera, com monografias sobre as grandes capitais (Paris, Roma, Londres, Berna) e ainda Pompeia e Génova. Grande número dos livros deste género descrevem também Portugal e cidades ou regiões portuguesas, incluindo algumas que Camilo nunca visitou pessoalmente, como o Algarve e as ilhas. A explicação para este elevado número de livros que permitem conhecer sítios distantes é simples:

Eu tenho a mais inveterada negação para viajar. Já tive em diferentes épocas por muitas vezes a mala feita para ir a França, e, chegada a hora da partida, sentava-me à banca a ler um Guia de viajantes, e satisfazia a minha curiosidade.

(Carta ao visconde de Ouguela [julho de 1873], *Camilo Íntimo*, 2012: 132)

Sabíamos que Camilo passou toda a sua vida no pequeno eixo territorial que vai de Lisboa a Braga, passando pelo Porto, por Coimbra, pela Trás-os-Montes da sua infância e pouco mais. Agora sabemos que fontes usava para satisfazer a sua curiosidade a respeito de outras terras e também para situar as suas narrativas em Paris e em Londres ou para descrever a grandeza da floresta amazónica como se lá tivesse estado. Esta é uma das tipologias bibliográficas que melhor ilustra a centralidade do livro e da palavra escrita na mediação cultural do séc. XIX, onde até a imagem, que hoje medeia avassaladoramente o nosso conhecimento, era transmitida através de páginas impressas, em ilustrações.

A acumulação de livros sobre Portugal, sobretudo os escritos por estrangeiros (10 títulos), mostra que Camilo partilhava uma certa tendência portuguesa para nos vermos ao espelho nos olhos dos outros, mesmo quando a imagem que o espelho devolve não agrada e até desencadeia polémicas, nas quais ele não recusava participar, como aconteceu com o conhecido livro da Senhora Ratazzi (231).

Designei ciências abstratas um conjunto de disciplinas que reúne a filosofia (37 títulos), a teologia (22), temas mais genéricos de religião (45),

sermões (3), as obras de espiritualidade e ainda os dois livros de espiritismo que evidenciam a faceta menos ortodoxa dos interesses de Camilo: Allan Kardec, *Le livre des médiums*, na 6ª edição (Paris, Didier, 1863, 1617), e uma tradução brasileira (1618) do seu contemporâneo Louis Alphonse Cahagnet, que publicou, em 1848, *Arcanes de la vie future dévoilés*. Em linha com estes títulos registam-se ainda outros que podem ser classificados como esotéricos: o *Dictionnaire infernal ou recherches et anecdotes sur les Demons, les Esprits, etc.* por Collin de Plancy (Paris, 1818, lote 1610); *Les Merveilles du ciel et de l'enfer et des terres planétaires et Astrales*, por Emmanule de Swedenborg (Berlín, 1782, lote 1612); *De miraculis occultis Naturae*, por Levino Lenino (Antuérpia, 1574, lote 1613); *La sorcière* de Jean Michelet (1862, lote 1615).

A mente humana, o seu funcionamento no âmbito da filosofia moral, estavam entre as principais linhas de leitura filosófica de Camilo. Entre outros, lia *Philosophie de l'inconscient*, de Édouard de Hartmann (Paris, 1877, lote 299), *L'esprit et le corps...* de A. Bain (Paris, Librairie Germer Baillière 1873²⁰, lote 306), Schopenhauer (295), a ética de Spinoza (302), os *Études morales* de Guizot (1184), *Le devoir* de Jules Simon, (1188), citado com reverência no *Romance dum homem rico*, e ainda os *Pensées* de Pascal (1189), a *Deontologie, ou Science de la Morale*, de Jérémie Bentham (1311), etc. Muito interessante seria o estudo de alguns dos romances de Camilo e do seu pendor para dissertar sobre a virtude à luz destas leituras.

Sendo um homem de Letras, com um forte interesse pela História e pela Filosofia moral, não descurava o conhecimento das ciências exatas.

Entre os 51 títulos desta categoria avolumam-se os livros de medicina (14), que lembram não só o facto de Camilo ter frequentado a Escola Médico-Cirúrgica do Porto de 1843 a 1845, como o da sua provável hipocondria. No mesmo sentido vão os livros de farmácia (3 títulos) e de psiquiatria e saúde da mente (3 títulos), dos quais vale a pena destacar o trabalho de M. Rivet, *Les aliénés dans la famille et dans la maison de santé*, que saiu em Paris, pela

²⁰ No catálogo há um erro na data: 1813 em vez de 1873. Alexander Bain nasceu em 1818 e o livro de Camilo é uma tradução francesa de *Mind and Body*, publicada em 1872.

editora Masson, em 1875, o ano em que Camilo se apercebeu pela primeira vez da loucura do filho Jorge. É provável que tenha procurado bibliografia recente e atualizada sobre o problema que havia, a partir daí, de ensombrar para sempre os seus dias. Das outras disciplinas desta categoria, Camilo possuía, sobre ciências naturais, 7 títulos e um ou dois títulos sobre cada uma destas ciências: biologia, fisiologia, zoologia, geologia, mineralogia, geometria, astronomia, física e tecnologias. Além destes, merecem destaque, pelo contraste, dois títulos sobre o evolucionismo de Darwin (303 e 307), que representam a vanguarda dos conhecimentos científicos da época, e 7 títulos de pseudociências: um título sobre radiestesia, 5 títulos sobre homeopatia e um título sobre frenologia. Faltam livros sobre matemática, porque Camilo se considerou nela ensinado em 1871, quando leilou um livro de matemática em francês e 11 em latim. Registe-se, aliás, que nesse leilão vendeu ainda mais 53 livros: de medicina, cirurgia, farmácia, veterinária, zoologia, química, botânica e física, o que totaliza 64 livros de ciências exatas, número superior ao que detinha em 1883 e que representa um evidente desinvestimento deste tipo de ciências.

Uma das categorias menos representadas é a das artes, que considerei, para efeitos práticos, num sentido amplo, que inclui certas atividades artesanais, que hoje não consideramos artes no sentido nobre do termo. Embora com poucos títulos, esta categoria mostra o ecletismo dos conhecimentos do escritor e justifica o que ele dizia em 1882 ao visconde de Ouguela sobre de tudo se poder encontrar na sua livraria. A subcategoria mais representada é Belas Artes (com 12 títulos), a que não serão talvez alheias as tendências artísticas do filho Jorge. Há cinco títulos sobre arquitetura, seis sobre música, três sobre ópera e dois sobre dança. Vêm depois as “artes” menos nobres: a gastronomia com cinco títulos, as armas com três títulos, a tauromaquia com seis, a coudelaria com dois, caça e pesca com um e a taquigrafia com um.

Logo a seguir em representatividade vem a Linguística, que conta sobretudo dicionários (21 títulos), de português e de várias outras línguas, e instrumentos (8 títulos), como *thesauri* linguísticos (1282), tábuas de declinações (1302), ensaios sobre galicismos (1471) ou dicionários específicos,

por exemplo de neologismos (1555). Há ainda quatro gramáticas portuguesas (1284, 1299, 1301, 1303), uma gramática comparativa do português com o inglês (1305), uma gramática do italiano (1307), outra do latim (1853), outra do hindustânico (1306), cinco títulos de filologia (294, 916, 1235, 1308, 1309) e um de dialetologia (41). A história da Linguística em Portugal pode encontrar aqui uma fonte interessante para o estudo da receção e da difusão da disciplina no séc. XIX, não só no âmbito da lexicografia como no da história das línguas, presente com a obra de Vasconcelos Abreu, *Importancia capital do sãoskritto como base da glottologia árica e da glottologia árica* (Lisboa, Imprensa Nacional, 1878, lote 916) e com a de Ernest Renan, *Histoire générale et système comparé des langues sémitiques* (Paris, Imprimerie Impériale, 1863, lote 294).

De temas variados são ainda as miscelâneas e os periódicos que Camilo possuía. A livraria fica completa com quatro lotes do próprio autor: um dos seus livros de poesia (*Folhas cabidas apanhadas na lama*. Porto, 1855, lote 1163); um lote (1404) contendo 91 volumes de “Livros originaes e versoens de C. C. B.”; um exemplar de *A Caveira da mártir*, registado como raro (lote 1848); e ainda os 978 exemplares de *A suicida*, biografia de Elisa Waimars que Camilo publicou em 1880 com a chancela de Chardron mas às suas próprias custas, razão pela qual, alegadamente, o livreiro do Porto não se empenhou na venda, acabando por devolver-lhe os muitos exemplares sobrantes (Cabral, 1984-88: VI, 621).

O aprofundamento da análise dos catálogos de 1870 e 1883, bem como a sua edição em modo pesquisável, pode levar-nos mais longe e ajudar a traçar o perfil de interesses variados e ecléticos do escritor que alcançou, no séc. XIX, o estatuto de escritor profissional (Cabral, 1980: 18-19). Espírito atento a tudo o que de mais importante se passava no mundo em que vivia, é significativo o seu conhecimento da melhor literatura europeia e a sua atenção a todas as novidades, sobretudo em âmbito português, brasileiro e francês. O seu pendor histórico, filosófico, sobretudo moralista, e a sua curiosidade sobre as novidades científicas, contrabalançada pelo crédito que concedia às pseudociências e ao esoterismo, é bem expressão do espírito contraditório que lhe conhecemos e, de algum modo, devedor do espírito do Romantismo final.

Revela ainda esta livraria duas funções do livro no séc. XIX. A primeira é o seu valor material, que pode servir de recurso financeiro se a livraria tiver sido formada com bons critérios. A segunda é mais difícil de ser percebida hoje, em tempos de enorme multiplicidade e facilidade de fontes de informação, tempos de *google* e de bibliotecas digitais, recursos com que Camilo, Ana Plácido e os seus filhos recolhidos no interior do distrito de Braga, não podiam sequer sonhar: nesta livraria havia resposta para quase tudo o que se poderia perguntar e ela constituía o único alimento das mentes que a contemplavam.

BIBLIOGRAFIA

- Albuquerque, Martim de (2009). Introdução. Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. In *A biblioteca de Oliveira Martins* (7-15). Lisboa: Guimarães Editora.
- Azevedo, 2º Visconde de (1927). *Cartas inéditas de Camillo Castello Branco ao 1º Conde de Azevedo*. Coimbra: Coimbra Editora.
- Cabral, Alexandre (1980). *Camilo Castelo Branco. Roteiro dramático dum profissional das letras*. Lisboa: Terra Livre.
- (1984-1988). *Correspondência de Camilo Castelo Branco*. Vols. I-VI. Lisboa: Livros Horizonte.
- Camilo íntimo. Cartas inéditas de Camilo Castelo Branco ao visconde de Ouguela* (2012). Pref. A. Campos Matos, posf. J. Bigotte Chorão. S.l.: Clube do Autor.
- Castelo Branco, Camilo (1887). *Cancioneiro alegre de poetas portugueses e brasileiros*. Vol. II. Porto: Chardron.
- (2002). *Obras completas*. Direção de J. Mendes de Almeida. Vols. 17, 18. Porto: Lello & Irmão.
- Catálogo da Preciosa livraria do eminente escriptor Camillo Castello Branco contendo grande numero de livros raros, em diversas linguas, e muitos manuscritos importantes, a qual será vendida em leilão, em Lisboa, no proximo mez de dezembro de 1883...* Lisboa: Mattos Moreira & Cardosos.
- Catálogo Methodico de livros antigos e modernos em diversas linguas e manuscritos que se hão-de vender em leilão no Porto, Rua de Santo Ildefonso, n. 66* (1870). Porto: Typographia de D. Antonio Moldes.
- Cartas de Camillo Castello Branco a Thomaz Ribeiro* (1922). Pref. Branca de Gonta Colaço. Lisboa: Portugália.

- Ferreira, António Mega (2005). *Fazer pela Vida: um retrato de Fernando Pessoa, o empreendedor*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Fraga, Gustavo de (1991). Prólogo. In *Catálogo da livraria de Antero de Quental* (13-24). Ponta Delgada: Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada.
- Freire, Anselmo Braamcamp (1921). Introdução. In José dos Santos, *Catálogo da importante livraria que pertenceu aos notáveis escritores e bibliófilos Condes de Azevedo e de Samodães* (4 p. não numeradas). Vol. I. Porto: Tipografia da Empresa Literária e Tipográfica.
- Menezes, J. de Azevedo et al. (1921). *Camilo homenageado*. Famalicão: Tipografia “Minerva”.
- Pizarro, Jerónimo; Ferrari, Cardiello (2010). *A biblioteca particular de Fernando Pessoa*. Lisboa: D. Quixote.
- Sousa, S. G. de (1998). Sobre a recepção de *Os Lusíadas* em França até ao século XVIII. *Revista do Centro de Estudos Portugueses*, 18, 23, 44-82.